

## NOTAS INTRODUTÓRIAS AO ESTUDO DA TEORIA MARXISTA \*

**Elisabete M. Marchesini de Pádua**  
Instituto de Filosofia — PUCAMP

“Toda vida social é essencialmente prática. Todos os mistérios, que induzem às doutrinas do misticismo, encontram sua solução racional na praxis humana e no compreender dessa praxis.” (MARX)

### I – CONSIDERAÇÕES GERAIS

A concepção materialista da História parte do princípio de que a produção e o intercâmbio dos bens materiais constituem a base de toda ordem social. O que distingue uma época de outra não é o que se produz, mas como se produz e com que instrumentos se produz. O estudo do que vai definir um modo de produção parte então da análise do processo econômico global, do sistema econômico, que envolve produção, distribuição, intercâmbio e consumo.

Modo de produção é o conceito que nos permite pensar e conhecer uma totalidade social, no seu nível teórico. Todo modo de produção é formado por uma estrutura global que abrange uma infra-estrutura econômica e uma super-estrutura jurídico-política e ideológica. Neste sentido, Marx distingue no decorrer do desenvolvimento histórico, os modos de produção asiático, antigo, feudal e capitalista, além do futuro modo de produção socialista (comunista).

Nesta estrutura global, uma das estruturas “regionais” domina sempre a outra. Embora a estrutura econômica, em última instância, seja a determinante, nem sempre é a dominante. No modo de produção feudal, por exemplo, o que dominava era a estrutura ideológica, através da Igreja. Já no caso de Roma, ou da Grécia, era a estrutura política.

No estudo específico do modo de produção capitalista, Marx vai encontrar uma coincidência de determinações, onde o nível econômico é determinante e dominante.

---

(\*) Texto-roteiro introdutório elaborado para uso didático.

Portanto, estrutura dominante é aquela que representa o papel principal na reprodução do modo de produção. Isto é fundamental, porque o que caracteriza o modo de produção é justamente a capacidade de uma contínua reprodução de suas condições de existência. Tomando como exemplo o modo de produção capitalista, ao mesmo tempo em que produz bens materiais de uma forma determinada, que implica numa divisão da totalidade social entre capitalistas e não-capitalistas, vai reproduzindo suas condições de produção através das relações técnicas e sociais de produção.

Este conceito de modo de produção é abstrato, se refere à produção em uma totalidade social homogênea; o que ocorre é que em uma sociedade historicamente determinada, a produção de bens materiais não é homogênea, podemos encontrar diversos tipos de relações de produção que coexistem, embora haja um tipo que vai o dominante, a exemplo da América Latina, onde continuam existindo relações pré-capitalistas de produção, como a artesanal, primitiva, camponesa.

Para estudar uma realidade social complexa, Marx usa o conceito de formação social, que é entendida como uma totalidade social concreta, historicamente determinada, que pode ser um país, um continente, de estrutura econômica complexa, onde coexistem diversas relações de produção, sendo um estudo fundamentalmente empírico.

Para se referir a um nível ainda mais concreto de análise, Marx usa o conceito de conjuntura, que se expressa como uma oposição (confronto) entre diferentes forças sociais — é o momento atual da luta de classes em uma formação social ou sistema de formações sociais<sup>1</sup>.

## II — O NÍVEL ECONÔMICO

As relações de produção aparecem então como sendo a base da estrutura social, e podem ser técnicas e sociais.

As relações técnicas de produção se referem ao tipo de relações de trabalho, e podem ser individuais e cooperativas.

A relação técnica individual predomina como forma característica do processo de produção feudal, até o século XV, e é marcada pela existência de uma unidade entre o trabalhador e seu meio de trabalho, como na produção artesanal, onde o trabalhador transforma a matéria prima em produto acabado, o trabalhador tem o **domínio** de todo o processo de trabalho.

A relação técnica cooperativa passa a predominar no modo de produção capitalista durante o período manufatureiro, que vai do século XVI até meados do século XVIII; se caracteriza pela existência de um tra-

balho social comum, amplo e suficiente para requerer uma direção para cada trabalho individual. Tanto a cooperação simples como a complexa se estabelecem a partir de uma divisão técnica do trabalho, onde o trabalhador não tem o domínio de todo o processo de trabalho.<sup>2</sup>

Quanto às relações sociais de produção, que se referem ao tipo de relação de propriedade dos meios de produção, Marx vai distinguir as relações de colaboração recíproca e as do tipo explorador/explorado.

As relações de colaboração recíproca se caracterizam pela existência de propriedade social dos meios de produção quando nenhum setor da sociedade vive da exploração de outro — comunidades primitivas e modo de produção socialista, em oposição às relações do tipo explorador/explorado, quando existe a propriedade privada dos meios de produção — modo de produção antigo (escravocrata), modo de produção feudal (servil) e modo de produção capitalista.

O modo de produção capitalista vai se caracterizar pela existência de relações técnicas de cooperação e relações sociais de expropriação, que possuem um inerente caráter contraditório, irreconciliável, incompatível, porque o seu desenvolvimento se dá a partir da acumulação do capital, e esta se realiza somente através da expropriação da mais-valia, gerada através de seu típico processo de trabalho.

O processo de trabalho no modo de produção capitalista vai apresentar, de modo geral, as seguintes características:

PROCESSO  
DE  
TRABALHO

**força de trabalho** = energia humana gasta

+ **valia** = valor que o trabalhador cria além do valor de sua força

**meios de produção** = objetos de trabalho ( matéria bruta, matéria prima )

= meios de trabalho ( instrumentos, ruas, máquinas edifícios )

Chama-se CAPITAL aos diferentes elementos do processo de trabalho, quando estão destinados a produzir + valia para um proprietário.

Devido a estas características específicas do processo de trabalho, só o trabalho que produz mais-valia (capital) é considerado trabalho produtivo<sup>3</sup>. Deste modo, fica também definido que o trabalho improduti-

vo é aquele que não se troca com capital, mas que se troca diretamente com renda<sup>4</sup>.

Ao longo do desenvolvimento do modo de produção capitalista o processo de trabalho aparece sob diversas formas: na manufatura, que sucede o artesanato, o trabalho continua sendo manual, dependendo portanto da força, da habilidade e segurança do trabalhador ao usar suas ferramentas; embora o trabalho já esteja dividido e o trabalhador execute uma tarefa parcial na "oficina", o ponto de partida para a acumulação do capital ainda se encontra na força de trabalho.

Com a transformação da "oficina" em fábrica ( II Revolução Industrial ), o ponto de partida para a acumulação do capital, além da força de trabalho, se concentra no instrumental de trabalho, através da incorporação gradativa das ferramentas ( aparelho mecânico ) à máquina — o trabalhador deixa de servir da ferramenta para **Servir à máquina**: "Sendo ao mesmo tempo, processo de trabalho e processo de criar mais valia, toda produção capitalista se caracteriza por o instrumental de trabalho empregar o trabalhador e não o trabalhador empregar o instrumental de trabalho. Mas, esta inversão só se torna uma realidade técnica e palpável com a maquinaria. Ao se transformar em autômato, o instrumental se confronta com o trabalhador durante o processo de trabalho como **capital** ( grifo nosso ) trabalho morto que domina a força de trabalho viva, a suga e exaure". ( Livro I, 483 )

Marx vai observar que o valor de uma mercadoria se determina pela quantidade total de trabalho que encerra, mesmo se considerando que uma parte do trabalho necessário para sua produção não é remunerado (sobretalho). Se configura então o lucro, que "é aquela parte do valor total da mercadoria em que se incorpora o trabalho não remunerado".

Marx vai indicar a existência da mais-valia absoluta, aquela que se obtém aumentando a jornada de trabalho ou intensificando o uso da força de trabalho, e da mais-valia relativa, aquela que se obtém diminuindo o tempo de trabalho necessário à produção de mercadorias com a introdução da tecnologia. Como a mais-valia é a fonte do lucro, o modo de produção capitalista procura manter a acumulação através da intensificação da extração da mais-valia de modo relativo, já que a extração da mais-valia de modo absoluto tem por limite a própria resistência física do trabalhador.

Nas formações sociais onde ocorre a extração da mais-valia absoluta, Marx vai dizer que só existe uma submissão formal do trabalho ao capital; a submissão real do trabalho ao capital só vai ocorrer nas formações sociais onde a extração da mais-valia ocorre de modo relativo.<sup>5</sup> Cabe ainda citar que a extração da mais-valia está ligada à composição do capital.

O capital total é constituído pelo capital constante ( máquinas, prédios — conservação do valor ) e pelo capital variável ( pagamento de salários, investimentos — criação do valor ). Em decorrência, teremos que a mais-valia “medida” pelo capital variável vai originar o que Marx chama de taxa de mais-valia; a mais-valia “medida” pelo capital constante, se denomina taxa de lucro.

“A taxa de lucro se expressa sempre em nível inferior ao da taxa de mais-valia”, porque quanto mais a evolução tecnológica aumenta na composição do capital total, se configura uma lei que Marx denomina de “baixa tendencial da taxa de lucro”, que aparece como tendência geral no modo de produção capitalista; a própria estrutura econômica tenta corrigi-la, através da elaboração de mecanismos como aumento da exploração da mais-valia, diminuição do salário, comércio externo, concentração do capital, bem como através do desenvolvimento do sistema de crédito e das sociedades por ações, possibilitando ao investidor transformar seu dinheiro em capital, sem precisar ser capitalista industrial<sup>7</sup>.

Tanto nos **Manuscritos Econômicos Filosóficos** como em **O Capital**, fica clara a intenção de Marx de “desvelar o processo de trabalho no modo de produção capitalista, para mostrar que da propriedade privada dos meios de produção decorre o trabalho alienado e o homem alienado.

“Se o produto do trabalho não pertence ao trabalhador e é uma potência a ele estranha, isto só é possível porque ele pertence a outro homem fora do trabalhador... “Portanto, o trabalho assume um aspecto negativo, que “submete” o homem, o escraviza, o transforma em “coisa”, em “mercadoria”.

Para se instaurar uma ordem social justa, que assegure ao homem sua liberdade, sua desalienação, há que se “revolucionar” pela praxis o processo de trabalho, a fim de que se estabeleça um modo de produção onde as relações técnicas sejam cooperativas e das relações sociais sejam de colaboração recíproca.

### III – O NÍVEL IDEOLÓGICO

Embora o nível econômico seja em última instância o determinante, forma com a estrutura social um todo complexo, integrado aos níveis jurídico-político e ideológico.

O nível ideológico vai estar presente em todas as atividades humanas, como elemento que coesiona os indivíduos em suas relações sociais e produtivas.

O nível ideológico compreende as idéias filosóficas, sociais, morais, religiosas, políticas, em uma formação social historicamente determinada.

O conjunto de representações e comportamentos sociais são explicados por Marx a partir da forma com que os homens produzem os bens materiais. Portanto, não são as idéias que determinam o comportamento do homem, mas a forma com que os homens participam da produção de bens é que determina seus pensamentos e ações.

“O resultado geral a que cheguei e que, uma vez obtido, serviu-me de fio condutor aos meus estudos, pode ser formulado em poucas palavras: na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade destas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real a qual se “levanta” uma super estrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, política e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência”<sup>8</sup>.

É de suma importância compreender que o nível ideológico não é um simples reflexo do nível econômico, mas que possui uma estrutura própria, pois não existe uma determinação mecânica da economia, mas uma determinação complexa, estrutural: “A economia não cria ela mesma nada diretamente, mas determina o tipo de modificações e de desenvolvimento da matéria intelectual existente, e mais ainda, faz isso frequentemente de modo indireto, já que são os reflexos políticos, jurídicos e morais os que exercem uma ação mais direta sobre a filosofia”<sup>9</sup>.

Marx coloca em evidência a função social da ideologia, uma vez que ela é também um meio de ação, mais ou menos consciente, em dada formação social. Este conceito requer a articulação entre três conceitos: poder, pensamento e classe social, e se dá a partir de uma dupla divisão: a divisão social do trabalho e a divisão da sociedade em classes. A divisão social do trabalho, entre trabalho intelectual e trabalho manual, e a separação da sociedade em classe dominante e classe dominada, “cria” as condições para a subordinação do pensamento aos interesses da classe dominante.

Marx considera que a ideologia da classe dominante é alienante, porque vai impor ao homem uma visão da realidade que tem por finalidade “mascarar” as relações que se estabelecem a partir do processo de trabalho, bem como “amortecer” a luta de classes numa sociedade dada e em escala mundial; que é mistificante ( e mitificante ), no sentido de tentar legitimar como “natural” ( que pertence à natureza das coisas ), como “des-

tino" da humanidade, ou como "vontade de Deus", que a sociedade seja classista, e que por sua vez exista uma classe dominante e outra dominada, apresentando a ordem social existente como eterna, imutável.

Em cada modo de produção existe sempre uma ideologia dominante, mas isto não quer dizer que seja única e homogênea; podemos encontrar "regiões ideológicas na sociedade — ideologia moral, religiosa, filosófica, que aparecem de forma difusa ( usos e costumes ), ou de forma **consciente**, sistematizada teoria moral, teoria política, teoria científica, que se expressam através de tendências ideológicas.

Em "A Ideologia Alemã" Marx assinala: As idéias da classe dominante são em cada época, as idéias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é ao mesmo tempo sua força espiritual. A classe que tem à sua disposição os meios de produção material dispõe, ao mesmo tempo, dos meios de produção espiritual, o que faz com que a ela seja submetidos, ao mesmo tempo e em média, as idéias daqueles aos quais faltam os meios de produção espiritual... Na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que o façam em toda sua extensão e, conseqüentemente, entre outras coisas, dominem também como pensadores, como **produtores de idéias** ( grifo nosso ).<sup>10</sup>

Verificamos então que, embora a sociedade esteja dividida em classes antagonicas, a existência de uma classe dominante faz com que somente suas idéias sejam reconhecidas como "verdadeiras", "racionais", "válidas para todos", ao mesmo tempo em que produz suas idéias, a classe dominante as distribui, através da educação, da família, da religião, etc., na tentativa de "universalizar" estas idéias. Esta universalização é abstrata, porque no real, no concreto ela não existe.

#### IV — O NÍVEL JURÍDICO-POLÍTICO

Ao conjunto de instituições e normas destinadas a regular o funcionamento da sociedade em seu conjunto, Marx chama de estrutura jurídico-política.

No modo de produção capitalista, o Estado é a instituição central deste nível, e tem duas funções: uma função técnica organizacional e administrativa, e uma função política — de dominação.

Segundo Engels<sup>11</sup> o Estado é um produto da sociedade, quando esta chega a um determinado grau de desenvolvimento contraditório e necessita de um poder que se coloque acima dela, para manter a "ordem", em virtude dos antagonismos irreconciliáveis entre a classe dominante e a classe dominada, que se estabelecem a partir das relações de produção.

Em decorrência, as próprias funções técnico-administrativas do Estado passam a ser exercidas em função da dominação política ( não há "neutralidade" ), para garantir o pleno funcionamento do nível econômico; o Estado é constituído pelo corpo de funcionários e pelas forças de repressão — exército, polícia, enfim, instituições com fins fundamentalmente repressivos.

O poder político é então a capacidade de utilizar o "aparelho" do Estado para cumprir os objetivos da classe dominante, que são a reprodução das condições econômicas, ideológicas e jurídicas de que necessita.

A idéia de que o Estado é uma instituição que está acima das classes sociais e que não intervém no processo produtivo tem por finalidade mostrar à sociedade como um todo que o trabalhador é "livre" para vender no mercado sua força de trabalho ( através do contrato ) e que o Estado não participa da "exploração" da mais-valia.

Na realidade, o Estado vai garantir a propriedade dos meios de produção para a classe dominante através de uma intervenção de caráter permanente, que assegura à classe dominante as próprias condições de dominação<sup>12</sup>.

Marx observa que no modo de produção socialista, quando as relações sociais de produção serão de colaboração recíproca e as relações técnicas cooperativas, tende a extinguir-se a função de dominação política do Estado, já que a sociedade não mais estará dividida em classes antagônicas.

## V – BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ENGELS, F. **A Origem da Família, da Propriedade e do Estado**. 3ª edição, SP, Livraria M. Fontes, 1976.

\_\_\_\_\_ **El Anti-Duhring**, B. Aires, Ed. Claridad, 1972.

\_\_\_\_\_ **E MARX, KARL, La Ideologia Alemana**, B. Aires, Ed. Pueblos Unidos, 1973.

LENIN, V. I. **Obras Escogidas**, Moscou, Editorial Progreso, 1974.

MARX, Karl. **O Capital**, libro I, Cap. VI, inédito, 3ª ed., B. Aires, Siglo XXI, 1974.

\_\_\_\_\_ **O Capital**, 2ª ed., RJ, Civilização Brasileira, 1971. 3 vol.

\_\_\_\_\_ **Introducion General a La critica de La Economia Política**, 1857, Córdoba, Cuadernos de Pasado Y Presente nº 20, 1971.

\_\_\_\_\_ **Trabajo Asalariado y Capital**, Barcelona, Ed. Nova Terra, 1970 ( Salário, Preço e Lucro, Os Pensadores, Ed. Abril ).



\_\_\_\_\_ **Miséria da Filosofia**, SP, Livraria Exposição do Livro, 1972.

\_\_\_\_\_ e ENGELS, F. **Textos**, SP, Ed. Sociais, 3 vol, 1977.

## VI – BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

### Dialética

CARDOSO, Fernando H. **O Método dialético na análise sociológica**, Revista Brasileira de C. Sociais, Vol II, nº 1, B. Horizonte, 1962.

\_\_\_\_\_, **Notas sobre o estado atual dos Estudos sobre dependência**, SP, Cadernos CEBRAP, nº 11, 1975.

DOBB, Maurice. **A Crítica da Economia Política**, in História do Marxismo, E. Hobsbawm (organizador), RJ, Civilização Brasileira, 1972.

KONDER, Leandro. **O Que é Dialética**, SP, Brasiliense, 1981.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**, 2ª ed., RJ, Paz e Terra, 1976.

VASQUEZ, A. S. **Filosofia da Praxis**, RJ, Paz e Terra, 1968.

### Economia

BELUZZO, Luiz G. de Mello. **Um Estudo sobre a Crítica da Economia Política**, Tese de Doutorado, Unicamp, 1975.

\_\_\_\_\_. MIGLIOLI, Jorge e SILVA, Sergio. **O Funcionamento da Economia Capitalista**, Unicamp, 4 textos.

CARDOSO DE MELLO, J. Manoel. **O Capitalismo Tardio** (Contribuição à revisão crítica da formação e desenvolvimento da economia brasileira), tese de Doutorado, Unicamp, 1975.

OLIVEIRA, Carlos Alonso B. de. **Considerações sobre a Formação do Capitalismo**, Tese de Mestrado, Unicamp, 1977.

ROBINSON, Joan. **Filosofia Econômica**, RJ, Zahar, 1964.

RUBEM, I. I. **A Teoria Marxista do Valor**, SP, Brasiliense, 1980.

SRAFFA, Piero. **Produção de Mercadorias por Meio de Mercadorias** RJ, Zahar, 1977.

SWEETZ, Paul M. **Socialismo**, 3ª ed. RJ, Zahar, 1967.

\_\_\_\_\_, **Teoria do Desenvolvimento Capitalista**, 3ª ed., RJ, Zahar, 1973.

### **Capitalismo do Estado e Capitalismo Monopolista de Estado**

- BALIBAR, Etienne. **Cinq Études du Materialismo Historiquo**, F. Maspero. Paris, 1974.
- BOCCARA, P. **Études sur le capitalisme monopoliste d'Etat**, Ed. Sociales, Paris, 1973.
- ROSDOLSKY, Roman, **La Génese du capital chez Marx**, F. Maspero Paris, 1975 (B. Aires, Siglo XXI).
- O'DONNELL, G. **Anotações para uma Teoria do Estado**, Revista de Cultura e Política, CEDEC, nº 3, 1980.
- BETTELHEIM, C. **Les luttes de classes en URSS**, Seuil/Maspero Paris, 1974 (RJ, Paz e Terra).

### **Outros Textos**

- ABENDROTH, W. e outros. **Conversando com Lukacs**. RJ, Paz e Terra, 1969.
- ADORNO, T. **Dialética do Indivíduo** (introdução). SP, Brasiliense, 1981, 7-40.
- ALTHUSSER, L. **Lire le capital**. 3ª ed., Paris, F. Maspero, 1983.
- ASTRADA, Carlos. **Trabalho e alienação**. RJ, Paz e Terra, 1968.
- CHAUÍ, Marilena de S. **O que é Ideologia**. SP, Brasiliense, 1985.
- COHEM, Almer. **O Homem Bidimensional**. RJ, Zahar, 1978.
- DEUTSCHER, Isaac e outros. **Problemas e Perspectivas do Socialismo**. RJ, Zahar, 1969.
- FROMM, Eric. **Conceito Marxista do Homem**. RJ, Zahar, 1967 (ver neste texto a tradução dos "Manuscritos Econômico-Filosóficos" de Marx).
- GRAMSCI, A. **Concepção Dialética da História**. RJ, Civilização Brasileira, 1981.
- HELLER, Agnes. "A crise do Marxismo e o debate contemporâneo". In **Para mudar a vida**. SP, Brasiliense, 1982, 12-66.
- HOBBSBAWN, Eric J. **História do Marxismo**. RJ, Paz e Terra, 1979.
- LENIN, V. I. **Problemas de la edificación del socialismo y del comunismo en la URSS**, Editorial Progreso.
- \_\_\_\_\_. **Que fazer? SP, Hucitec, 1978.**
- LEFORT, Claude. **As formas da História**. SP, Brasiliense, 1979.
- LOWY, Michael. **Método dialético e teoria política**. RJ, Paz e Terra, 1978.

- \_\_\_\_\_. **Le marxisme en Amérique Latine**. Paris, F. Maspero, 1980.
- LUKÁCS, G. **Ontologia do ser social — Os princípios ontológicos fundamentais de Marx**. SP, Ed. Ciências Humanas, 1979.
- MACCIOCCHI, M. Antonietta. **A favor de Gramsci**. RJ, Paz e Terra, 1976.
- MUTTI, A. e SEGATTI, P. **A Burguesia de Estado**. RJ, Zahar, 1979.
- SCHAFF, Adam. **O Marxismo e o Indivíduo**. RJ, Civilização Brasileira, 1967.
- SWEEZI, Paul M. e BARAN, Paul A. **Capitalismo Monopolista**. RJ, Zahar, 1979.
- VOLPE, Galvano Della. "Chave da Dialética Histórica". In **Moral e Sociedade**. RJ, Paz e Terra, 1969, 119-142.
- \_\_\_\_\_. "Marx Hoje". **Nova Escrita/Ensaio**. SP, ano V, nºs 11/12, 1983 (Edição Especial).

#### NOTAS

- (1) Para questões metodológicas, cf. bibliografia referente à Dialética.
- (2) cf. Karl Marx, **O Capital**, Livro I, tomo I, cap. XII, Divisão do Trabalho e Manufatura, 326-422.
- (3) cf. Karl Marx, **O Capital**, Livro I, tomo I, cap. V, Processo de Produzir Mais Valia, 201-223.
- (4) cf. Karl Marx, **El Capital**, Libro I, cap. VI (inédito), 77-89.
- (5) idem op. cit. item (4), 3-77.
- (6) cf. Karl Marx, **O Capital**, Livro I, tomo I cap. VIII, Capital Constante e Capital Variável e A Taxa da Mais-Valia 224,259.
- (7) Deve-se notar que a baixa tendencial da taxa de lucro ocorre nas formações sociais onde predomina o capitalismo concorrencial; nas formações sociais onde já predomina o capitalismo monopolista, as recentes pesquisas estão demonstrando que esta Lei não tem se verificado.
- (8) cf. Karl Marx, **Para a crítica da Economia Política**. Os Pensadores, 130.
- (9) cf. F. Engels, **Obras Escogidas**, carta a Conrad Schmidt, 27-10-1890.
- (11) cf. ENGELS, F. **A Origem da Família da Propriedade e do Estado**.
- (12) cf. V. I. LENIN, **El Estadio y la Revolucion**, Obras Escogidas, 274-286.